

Maria Margarida Teixeira

O que quero dizer ao morrer



EDITORIAL AO

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito Legal n.º

527339/24

ISBN

978-972-39-0978-4

Fevereiro de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

A primeira vez que ouvi a Dr.^a Margarida Teixeira falar da sua experiência profissional como médica nos serviços do IPO de Coimbra foi em setembro de 2003. Estava nos inícios da minha vida na Companhia de Jesus, acabado de chegar a Braga para estudar Filosofia, depois de dois anos em Coimbra, no Noviciado do Santíssimo Nome de Jesus. Ouvi-a em Fátima, num painel de testemunhos sobre o modo de ser construtor de esperança, na VI Semana de Estudos de Espiritualidade Inaciana. Recordo que fiquei cativado com a luminosidade com que falava da morte. Voltei a ouvi-la mais algumas vezes noutros contextos ligados à espiritualidade inaciana e a impressão que retive manteve-se substancialmente igual.

Uma década depois, já sacerdote e a trabalhar em Coimbra, tive a graça de conhecer pessoalmente a Dr.^a Margarida e a forma como a vida clínica é acompanhada da sua vida espiritual, capaz de levar às responsabilidades que lhe são pedidas como médica a identidade cristã que a define como pessoa. O olhar cristão sobre o mistério do ser humano que, na fragilidade da doença, toca a vulnerabilidade da condição humana, acabou por marcar o diálogo com os doentes que vieram ao seu encontro. Nos corredores dos hospitais onde se sente a proximidade da morte, a Dr.^a Margarida fez a experiência de caminhos

para uma realidade de comunhão com Deus, onde a vida continua. Acompanhar quem se aproxima da morte em contexto de doença terminal oncológica ganhou um olhar orante, abrindo novos horizontes de compreensão e de leitura da vida humana. Diria mesmo que, ao ler os casos clínicos que nos conta neste livro, vividos em primeira pessoa, se toca o divino no humano.

De certa forma, sinto-me responsável pela publicação deste livro. Desde o primeiro momento em que tive oportunidade de falar com a Dr.^a Margarida que a encorajei a partilhar a riqueza da sua vida clínica por escrito. Num tempo em que o valor da vida se relativiza na legalização da eutanásia, encontramos, seja na vida dos doentes aqui narrada como nos familiares e amigos que os acompanharam mais de perto, uma verdadeira lição de que a vida tem uma dimensão sagrada que é preciso respeitar. A doença e a morte podem ser lugares de renovação da vida, capazes de curar feridas do passado, de pacificar conflitos, de purificar o amor e de descobrir o sentido da fé. Atrevo-me a dizer que a Dr.^a Margarida assiste, nestes processos clínicos, a um novo batismo que abre as portas da ressurreição. Como diz São Paulo, «pelo Batismo fomos sepultados com Cristo na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova. De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição» (*Rom* 6, 4-5).

A Dr.^a Margarida começou então a escrever os encontros que fortaleceram a sua fé, mas devido a circunstân-

Prefácio

cias da sua vida pessoal e da Editorial AO, os seus escritos nunca chegaram a livro. Passada mais uma década, vinte anos depois de a ouvir pela primeira vez, é com espanto que me toca agora a mim, enquanto atual diretor da Editorial AO, publicar esta obra. Os caminhos de Deus são, de facto, muito criativos!

Por fim, resta-me dizer que não está aqui uma fé ingénua, de quem não tem um espírito crítico sobre a realidade da vida. Nas entrelinhas da narração de cada caso clínico, percebemos o elevado conhecimento científico e o rigor na tomada das melhores decisões médicas para o cuidado da saúde e o bem-estar de cada doente. No caso da Dr.^a Margarida, este testemunho ganha uma nova dimensão por ser, também, expressão de uma grande e ininterrupta oração.

P. António de Magalhães Sant'Ana, sj

Escrever sobre o fim de vida é uma tarefa arriscada. Eu, porém, ousei escrever para dar a conhecer a humanidade dos últimos momentos. Há muita vida no fim de uma vida. E essa vida merece ser vivida sem pressa e sem precipitações. O corpo despede-se e a morte surge, naturalmente, no tempo.

Acompanhar pessoas com doença oncológica muito avançada faz parte da minha atividade clínica diária. Trabalho há quase três décadas, como oncologista, no Instituto Português de Oncologia (IPO) de Coimbra e, por isso, já assisti, no terreno, à morte de várias pessoas.

Este livro é a história de como acompanhei as pessoas que mudaram a minha perspetiva clínica sobre o processo da morte. A minha gratidão por cada uma destas pessoas é eterna. Conhecê-las foi um privilégio. Com elas cresci e amadureci como oncologista e como ser humano. O seu modo de ser e, em especial, o modo como viveram a última etapa da sua vida, cada uma à sua maneira, continua a ensinar-me e a inspirar-me.

Todas estas pessoas morreram de cancro, na cama, em posição de decúbito dorsal. Aparentemente, nada parece distinguir estes corpos uns dos outros, ao morrer. Porém, as palavras sussurradas, a ternura dos gestos, a luz

no rosto, a força do olhar, a serenidade de coração e a paz irradiada mostraram-me o espírito, o caráter, a inteligência e as convicções de cada uma, no momento da sua morte. Tudo se manteve inteiro, vivo e inabalável! Por isso, quando a morte por cancro chegou, compreendi por dentro que só o cancro tinha morrido.

Na verdade, sem estas pessoas, eu seria uma médica muito diferente daquela que sou hoje. Não saberia valorizar como é importante dar tempo à pessoa que está a morrer, nem teria apreendido como pessoas com doença terminal e pessoas moribundas têm ainda, no tempo que lhes resta, momentos para viver, coisas para destinar, palavras para dizer, ideias para ponderar e gestos de afeto a oferecer.

Poderá questionar-se como consegui escrever com clareza sobre o fim da vida de pessoas tão marcantes para mim. Penso ter feito o melhor que sabia para transmitir, de um modo vivo e sério, como tudo se passou, na realidade, sem tirar, nem pôr.

Recorri ao processo clínico de cada um dos doentes e ao meu arquivo pessoal, constituído por diversas folhas de diário clínico onde fui registando, ao longo do tempo, conversas, acontecimentos, lugares, pensamentos, decisões e reflexões. As mensagens e os textos escritos por algumas destas pessoas durante a doença foram, também, uma ajuda preciosa. Tive o cuidado de alterar os nomes, para preservar a confidencialidade de todos os doentes e familiares envolvidos em cada testemunho.

Este livro não pretende fazer uma análise exaustiva de cada caso clínico nem estruturar o conhecimento cien-

tífico em fim de vida no doente oncológico¹. Acima de tudo, desejo oferecer um olhar de terreno sobre a morte natural, vivida e acompanhada com amor, dedicação e paciência. Todas estas mortes foram serenas², as últimas palavras pronunciadas unem-se à saudação matinal de São Francisco: «Bem-vinda sejas, morte, minha irmã».

¹ Sobre o fim de vida no doente oncológico, consulte-se Riches, J. C. *et al.*, 2021.

² «Tenho inveja das mortes serenas. Tenho inveja daqueles que viveram com um sorriso virado para este mundo e que com esse mesmo sorriso entraram no outro. Ninguém já pode viver a sua morte. Mal se adivinha uma morte e é logo um despachar» (António Alçada Baptista, 1927-2008).

Índice

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
Onde está a esperança?.....	15
Nós não nos vamos despedir	27
Morremos como vivemos.....	35
Ajude-me.....	47
O gemido	51
Pais-médicos com filhos no baloiço.....	61
Não me prendam.....	71
Porque não me dá a injeção letal?.....	93
O meu pai não pode morrer hoje.....	105

O que quero dizer ao morrer

Sementes para o caminho.....	117
<i>Agradecimentos</i>	123
<i>Referências bibliográficas</i>	127
<i>Índice</i>	133